

SOBRE A MORTE E A NEGATIVIDADE EM MARTIN HEIDEGGER E MAURICE BLANCHOT

ABOUT THE DEATH AND NEGATIVITY IN MARTIN HEIDEGGER AND MAURICE BLANCHOT

Flávia Neves Ferreira*

Resumo: Existe uma multiplicidade de possíveis reflexões quando se decide dialogar sobre filosofia e literatura. Todavia, decidiu-se neste artigo fazer uma breve descrição, de modo bastante genérico, sobre o elemento da negatividade e da morte presente em *Ser e Tempo* e como estes elementos aparecem na noção de campo literário discutida por Maurice Blanchot. O presente escrito não tem como objetivo fazer um contraponto entre Heidegger e Blanchot, tampouco realizar uma relação entre filosofia e literatura em ambos os autores. Buscou-se, portanto, apontar possíveis articulações da analítica existencial heideggeriana com a noção de literatura blanchotiana, mais especificamente, sob o aspecto da imagem da morte e da negatividade. Ambos os autores percorrem uma trajetória distinta, mas que levam a um complexo debate sobre o estatuto da literatura ancorada a um projeto filosófico. A partir da noção filosófica de negatividade e morte, Blanchot traz uma concepção ampliada destes dois elementos, que revela o movimento do fenômeno literário a partir do encontro metafórico com a morte. Nessa direção, o *Dasein* como estar-no-mundo tem sua liberdade alcançada – no espectro literário – na medida em que a experiência da linguagem se mantém sob o alicerce da dialética da negatividade.

Palavras-chave: ontologia, literatura, morte, negatividade.

Abstract: There is a possible multiplicity of reflections when deciding to dialogue about philosophy and literature. However, it was decided in this article to briefly describe, in a very general way, the element of negativity and death present in *Being and Time* and how these elements appear in the notion of the literary field discussed by Maurice Blanchot. The present paper does not aim to make a counterpoint between Heidegger and Blanchot, neither to make a relation between philosophy and literature in both authors. It was therefore sought to point out possible articulations of the Heideggerian existential analytic with the notion of Blanchotian literature, more specifically, in the aspect of the image of death and negativity. Both authors travel a different path, but they lead to a complex debate about the status of literature anchored to a philosophical project. From the philosophical notion of negativity and death, Blanchot brings an enlarged conception of these two elements, which reveals the movement of the literary phenomenon from the metaphorical encounter with death. In this direction, *Dasein* as being-in-the-world has its freedom reached - in the literary spectrum - insofar as the experience of language remains under the bedrock of the dialectic of negativity.

Keywords: ontology, literature, death, negativity.

* Doutoranda em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR). E-mail: flavia_neves002@hotmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Martin Heidegger pode ser considerado um dos filósofos mais influentes do século XX. A temática central da sua filosofia respalda-se, sobretudo, na recolocação sobre o sentido do ser, que segundo ele, é uma questão esquecida e não resolvida ao longo da História da Filosofia ocidental.

Por conseguinte, em sua obra magna *Ser e Tempo*, Heidegger afasta-se da metafísica tradicional, da teoria subjetivista e antropológica e busca tematizar a estrutura ontológica da existência a partir do sentido do ser. Para tanto, o filósofo alemão explica que a elaboração da questão do ser implica que um ente, precisamente aquele que questiona, se torne transparente a si mesmo em seu ser, e é esse ente que nós mesmos somos, que tem, dentre outras coisas, a possibilidade fundamental de indagar. Este ente é designado como *Dasein* (DASTUR; CABESTAN, 2015).

O termo *Dasein* remete ao fato de que algo é – ‘eu sou-o-aí’, eu sou presença. Heidegger (1999) entende a existência como presença, em suma, ela é a constituição ontológica deste ente que nós somos, que em sua essência é *ekstático*. Desse modo, etimologicamente, a palavra existência é composta pela preposição ‘*ek*’ que indica um movimento de dentro para fora, ou seja, abertura; e do verbo ‘*sistere*’ que significa manter-se, pôr-se, erguer-se, logo é constituição a partir e dentro desta abertura. Assim, *ek-sistindo* o homem é o *aí* (*Da*), isto é, o lugar do ser (*Sein*).

Com isso, podem-se apontar três principais características do *Dasein*: ele é um ser-no-mundo, possui um caráter de abertura neste mundo e esta abertura revela a sua finitude. Este último aspecto gira em torno da temporalidade, que está relacionada com a morte, isto é, dentre as possibilidades que a abertura confere ao *Dasein*, uma delas certamente ocorrerá que é a possibilidade da impossibilidade: a morte. É justamente a temporalidade que indica a finitude do ser-no-mundo. Em outros termos, a morte atesta o fim do tempo que revela a finitude da própria existência.

A temática sobre negatividade e morte possui diversos desdobramentos tanto na Filosofia quanto na Literatura, bem como nas diversas áreas do conhecimento. Todavia, destaca-se aqui, as reflexões deste tema no pensamento do escritor e crítico literário, Maurice Blanchot, que dentre outras influências, aproxima-se de Hegel, o que conseqüentemente, leva-nos a aproximá-lo também da filosofia heideggeriana. Ressalta-se, que embora Blanchot, tenha feito uma indireta censura às posições políticas de Heidegger, as ideias do filósofo alemão se insinuam em sua teoria sobre o espaço literário.

Cabe ressaltar que o presente escrito não tem como objetivo fazer um contraponto entre Heidegger e Blanchot, tampouco realizar uma relação entre filosofia e literatura em ambos os autores. O que se pretende é analisar e descrever, de maneira bastante breve, algumas possíveis articulações da analítica existencial heideggeriana com a noção de literatura blanchotiana, mais especificamente, sob o aspecto da imagem da morte e da negatividade. Ambos os autores percorrem uma trajetória distinta, mas que levam a um complexo debate sobre o estatuto da literatura ancorada a um projeto filosófico.

A MORTE E A NEGATIVIDADE EM HEIDEGGER E BLANCHOT

O escritor, ensaísta, romancista e crítico de literatura Maurice Blanchot foi um dos pensadores que marcaram a cena literária francesa do século XX. Este autor faz uma exposição acerca da experiência da literatura tendo como pressupostos as ideias de Nietzsche, Mallarmé, Artaud, Bataille, Hegel, Heidegger, entre outros. Busca-se destacar aqui, os elementos negatividade e morte, que se tornaram centrais na problematização dos aspectos teóricos de sua concepção de escrita literária, espaço literário e de linguagem.

No livro *O espaço literário*, Blanchot (1987) inicia conceituando este espaço a partir da negação, ele postula que o lugar da linguagem é o de um não, ou melhor, de um ainda não. Em síntese, o espaço literário expressa uma linguagem que possui, essencialmente, um traço negativo. Logo, a escrita literária é um fluxo contínuo de contradições – a palavra possui uma capacidade tanto destruidora quanto criadora –, onde não transforma uma realidade, mas transforma o próprio escritor, já que ele está incumbido de realizar a negação de intervir no mundo por meio da escrita.

Sob o aspecto da negatividade, surge então, a imagem da morte que se deixa metaforizar, nos ensaios blanchotianos, como uma força determinante do impulso e expansão da subjetividade. Pensar na morte causa um estupor, enquanto ela não estiver diante dos olhos, tende-se a fugir dela.

[...] se os homens em geral não pensam na morte, esquivam-se diante dela, é sem dúvida para fugir-lhe e dissimular-se, mas essa escapatória só é possível porque a própria morte é fuga perpétua perante a morte, porque ela é a profundidade da dissimulação. Assim, dissimular-se em face dela é, de uma certa maneira, dissimular-se nela. Poder morrer deixa, portanto, de ser uma questão destituída de sentido e compreende-se que o objetivo de um homem seja a busca da possibilidade da morte. Essa busca, entretanto, só se torna significativa quando é necessária (BLANCHOT, 1987 p.92).

Segundo Blanchot (1987), o homem recusa aceitar a morte e diante dessa negação, acaba por desviar-se dela. Desta premissa, desponta o uso que Blanchot faz da imagem da morte inspirado pela fenomenologia da temporalidade exposta em *Ser e Tempo* de Martin Heidegger. Na segunda parte da obra supracitada, de modo mais específico no § 48, Heidegger (2005, p.23) formula a morte em três teses: em primeiro lugar “enquanto *Dasein* é, pertence-lhe um ainda-não, que ele será – o continuamente pendente”, ou seja, este ente está sempre em dívida pelo fato de que enquanto ser-lançado no mundo, ele está diante de inúmeras possibilidades de escolha. Segundo Haar (1997, p. 33), a nulidade desta dívida é dupla: “o não ter escolhido as suas possibilidades próprias; o ter que carregar com as outras, as que ele não pode escolher”.

Em relação à segunda tese, Heidegger (2005, p.47) parte da premissa de que: “o chegar-ao-fim do ente que cada vez ainda não está no fim (a superação ontológica do que está pendente) possui o caráter de não-ser-mais-presente”. A possibilidade da morte é explicada pelo filósofo não como o desaparecimento físico, o óbito, mas trata-se do afastamento de si, como antecipação, como totalidade projetada de si mesmo. Complementa Haar (1997, p.34) que a “antecipação do poder deixar de ser reforça o poder-ser, abre o *Dasein* o seu ser-a-tempo-inteiro, o seu ser até ao limite do seu tempo”. Dito de outro modo, a antecipação do *Dasein* frente a morte, revela à ele as possibilidades que a vida lhe oferece e denota a necessidade dele se posicionar frente a vida, e assim, tomar uma decisão diante destas possibilidades. Então, a antecipação coloca para o *Dasein* a possibilidade de ser ele próprio (ou autêntico): “mas isso na liberdade para a morte que, apaixonada, factual, certa de si mesma e desembaraçada das ilusões do impessoal, se angustia” (HEIDEGGER, 2005, p.50). Assim, Heidegger considera que a angústia diante da morte é a angústia diante do próprio poder-ser.

Na terceira tese, Heidegger (2005, p. 67) postula que o *Dasein* ao “chegar- ao- fim encerra em si um modo de ser absolutamente insubstituível para cada *Dasein* singular. Então, o *Dasein* é sempre o ser-para-o-fim”. Pode-se apreender que esta sua finitude é um caráter da própria temporalização, onde o tempo é um horizonte aberto e a morte é o fim deste tempo. Ao tomar consciência desta existência finita, como já dito anteriormente, o *Dasein* angustia-se.

O tratamento que Heidegger confere à angústia, mais especificamente no § 40 de *Ser e tempo* e na preleção *Que é metafísica?* ele a relaciona com a noção de nada, mediante a referida disposição afetiva. Ademais, a angústia em *Ser e Tempo* foi exposta como a soma das

três estruturas existenciais do *Dasein*, sendo provocada pela finitude do ser-no-mundo. Para Heidegger (1999, p. 255) “só na angústia subsiste a possibilidade de uma abertura privilegiada na medida em que ela singulariza. Essa singularização retira o *Dasein* de sua Decadência e lhe revela a impropriedade e propriedade como possibilidades de seu ser”.

Na preleção *Que é metafísica?* a angústia é experiência do Nada, sustentada pelo *Dasein*, aqui o Nada é colocado como aspecto do ser enquanto tal e justamente por esse aspecto que o *Dasein* é configurado como metafísico. Heidegger se pronuncia no excerto subsequente:

A angústia nos corta a palavra. Pelo fato de o ente em sua totalidade fugir, e assim, justamente, nos acossa o nada, em sua presença, emudece qualquer dicção do ‘é’. O fato de nós procurarmos muitas vezes, na estranheza da angústia, romper o vazio silêncio com palavras sem nexos é apenas o testemunho da presença do nada. Que o angústia revela o nada é confirmado imediatamente pelo próprio homem quando a angústia se afastou. Na posse da claridade do olhar, a lembrança recente nos leva a dizer: Diante de que e por que nós nos angustiávamos era ‘propriamente’ – nada. Efetivamente: o nada mesmo – enquanto tal – estava aí (HEIDEGGER, 1969, p. 32).

Na angústia o *Dasein* é a essência do nada: a nadificação. Este nadificar consiste em conduzir o *Dasein* diante do ente enquanto tal. Nesse sentido, o *Dasein* quer dizer estar suspenso dentro do nada, além do ente em sua totalidade. Heidegger (1969, p. 39) aponta que “o estar suspenso do ser-aí dentro do nada originado pela angústia escondida é o ultrapassar do ente em sua totalidade: a transcendência”. Quando o homem está mergulhado no Nada, ele sai da esfera do ente por completo e transcende seu próprio ser, dessa forma, ele observa a si mesmo como outro e passa a entender o ser que ele mesmo é. Nesta perspectiva, a autenticidade se cumpre no aqui e agora convertendo o Nada em ser (HEIDEGGER, 1969).

Quanto a Blanchot, este autor se aproxima da perspectiva heideggeriana da angústia perante o ser-para-a-morte do *Dasein*.

[...] existe ser, porque existe o nada: a morte é a possibilidade do homem, é sua chance, é por ela que nos resta o futuro de um mundo realizado [...] a existência é a única e verdadeira angústia, como bem o mostrou Emmanuel Levinas; a existência lhes dá medo, não em razão da morte, que poderia lhe por um termo, mas porque exclui a morte, porque sob a morte está ainda ali, presença no fundo da ausência, dia inexorável sobre o qual nascem e morrem todos os dias (BLANCHOT, 1997, p.323-324).

Segundo Heidegger (2005) a consciência do ser-para-a-morte pode conduzir a uma dimensão autêntica da existência, pelo fato de existir a possibilidade de não-poder-mais-ser-aí, tal situação é capaz de propiciar o encontro com o sentido do ser, mediante uma reflexão sobre o nada da morte, tornando-se então um caminho para a autenticidade, ou seja, para a singularidade do si-mesmo, e conseqüentemente, para o encontro do sentido da própria existência. Aqui, se encontra o ponto crucial de *Ser e Tempo*, no qual Heidegger situa a relação do *Dasein* com a sua morte e evidencia o modo puramente negativo deste ser-para-a-morte, o qual tem a experiência da impossibilidade mais radical: o *Dasein* pode atingir sua dimensão mais autêntica e compreender-se como um todo. Justamente aí que Blanchot postula que a morte é o momento em que paira a possibilidade de autenticidade, ou seja, na direção de um eu que lança para sua possibilidade mais própria: “que só é própria da minha morte e me retém na dura solidão desse eu puro” (BLANCHOT, 1987, p.136).

[...] O homem morre, isso não é nada, mas o homem é a partir de sua morte, liga-se fortemente a sua morte, por um vínculo de que ele é juiz, ele faz sua morte, faz-se mortal, e, por conseguinte, confere-se o poder de fazer e dá ao que faz seu sentido e sua verdade. A decisão de ser sem ser é essa possibilidade da morte (BLANCHOT, 1987, p. 144).

O excerto acima expressa que o ser não cessa de ser, mas a imagem da morte confere a ele o abismo do presente, concomitantemente, confere o tempo sem presente com o qual eu não tenho qualquer relação, “isso em direção a que eu não posso me lançar, porque nela eu não morro, eu decaí do poder de morrer, nela se morre, não se cessa e não se finda de morrer” (BLANCHOT, 1951, p. 202).

Nota-se, portanto, que a morte vinculada ao ser possui um movimento ambíguo: de um lado coloca em confronto com a finitude da existência; por outro lado, a morte pode ser apenas representada e é nesta impossibilidade de seu fim que Blanchot atribui o poder transformador da escrita. A construção da escrita se cumpre por meio da linguagem e esta se caracteriza essencialmente como um ato de morte, visto que a linguagem pode aniquilar, através de conceitos, o ser daquilo que nomeia em sua potência de negatividade para se construir sobre o nada, como exemplificado na citação a seguir.

[...] quando digo “essa mulher”, a morte real é anunciada e já está presente em minha linguagem; minha linguagem quer dizer que essa pessoa que está ali agora pode ser separada dela mesma, subtraída à sua existência e à sua presença e subitamente mergulhada num nada de existência e de presença; minha linguagem significa essencialmente

a possibilidade dessa destruição; ela é, a todo momento, uma alusão resoluto a esse acontecimento. Minha linguagem não mata ninguém. Mas, se essa mulher não fosse realmente capaz de morrer, se ela não estivesse a cada momento de sua vida ameaçada de morte, ligada e unida a ela por um laço de essência, eu não poderia cumprir essa negação ideal, esse assassinato diferido que é minha linguagem. Portanto, é precisamente dizer, quando falo: a morte fala em mim. Minha palavra é a advertência de que a morte está, nesse exato momento, solta no mundo, que entre mim, que falo, e a pessoa que interpelo aquela surgiu subitamente: ela está entre nós como a distância que nos separa, mas essa distância é também o que nos impede de estar separados, pois nela reside a condição de todo entendimento. Somente a morte me permite agarrar o que quero alcançar; nas palavras, ela é a única possibilidade de seus sentidos. Sem a morte, tudo desmoronaria no absurdo e no nada (BLANCHOT, 1997, p.311-312).

A partir disso, Blanchot vincula morte, linguagem e experiência literária. Na medida em que a linguagem é, em si mesma a potência do negativo, a liberdade possibilitada pela literatura fundamenta-se não na absoluta afirmação da vida, mas na negatividade da morte. Ele associa a ideia de morte à literatura, ou seja, ao espaço em que as coisas não podem ser ditas nitidamente. Segundo ele, a morte é um morrer contínuo que nunca começa e nem termina.

O que se pode verificar é que a negatividade da linguagem em Blanchot é uma retomada da ontologia hegeliana e heideggeriana, cuja premissa respalda-se no nada enquanto fundamento do ser. De acordo com Heidegger (1969), o nada não é objeto e nem um ente, ele pertence à essência mesma do ser e é no ser do ente que acontece o nadaficar do nada, ou seja, provoca-o na sua negação. Ademais, tanto para Heidegger como para Hegel, a negatividade entra no homem por ser este ter-lugar que colhe o evento de linguagem.

Partindo das experiências do Dasein (ser-o-aí) em Heidegger e do das Diese (apreender o Isto) em Hegel, vimos que a negatividade a qual ambas introduzem e iniciam o homem tem o seu fundamento na remissão dos shifters Da e Diese ao puro ter-lugar da linguagem, distinto daquilo que, neste ter-lugar, é formulado em proposições linguísticas. Esta dimensão- que coincide com aquela que a linguística moderna define mediante o conceito de enunciação, mas que, na história da metafísica, constitui desde o início a esfera de significado da palavra ser- tem o seu fundamento último em uma Voz (AGAMBEN, 2006, p.114).

A linguagem conserva o indizível dizendo-o, colhendo-o na sua negatividade. Essa Voz, que é escrita em letra maiúscula para diferenciar-se da voz como mero som, tem o

estatuto de um não-mais (voz) e de um não-ainda (significado), ela institui uma dimensão negativa. Dessa maneira, a linguagem tem um lugar no tempo e na voz, denotando a instância do discurso, a Voz abre simultaneamente o ser e o tempo. Logo, tanto em Hegel como em Heidegger há uma aproximação de um pensamento da Voz como articulação negativa originária. É a partir do ser da linguagem, da negatividade da linguagem, que Blanchot radicaliza a noção de criação literária, sob um aspecto ontológico. Tendo em vista que a linguagem é a potência do negativo, a liberdade possibilitada pela literatura não se fundamenta na absoluta afirmação da vida, mas na negatividade da morte.

Pelo viés blanchotiano, a literatura remete a um espaço de liberdade e de morte. Isso significa que a morte confere potência ao ser e possui uma ambiguidade fundamental: o homem pode morrer, pois há nele esta possibilidade; no entanto, se ele morre a potência não se realiza, ele perde o próprio morrer. Nesse sentido, a literatura propicia ao homem a possibilidade de uma morte e de uma liberdade, ou seja, o escritor/autor ao escrever uma obra obtém a liberdade para ele e para o mundo, mas isso só torna-se possível em decorrência da morte, na medida em que ela – através das palavras –permite “agarrar o que quero alcançar” (BLANCHOT, 1997, p.311-312).

Cabe ainda ressaltar que a linguagem literária “não é acabada nem inacabada: ela é. O que ela nos diz é exclusivamente isso: que é — e nada mais [...]” (BLANCHOT, 1987, p. 12). A literatura pela impossibilidade de seu fim revela sua presença, ou ainda, sua potência: transformar o nada em tudo em um *continuum* que jamais se cessa. Desse modo, o autor se experimenta como um nada e, depois de ter escrito sua obra, faz a experiência dela como algo que desaparece. O ‘desaparecimento’ da obra mantém o movimento que permite que ela se realize, assim “entrando no curso da história, realizar-se desaparecendo” (BLANCHOT, 1997, p. 297).

Faz-se necessário, portanto, pensar em uma linguagem que possa expressar aquilo que a linguagem reflexiva é incapaz de fazer. Deve-se buscá-la em seu limite onde o nada é o lugar em que a negação do próprio discurso marca o movimento para um exterior. A fala no texto literário é essencialmente errante, está sempre fora de si mesma. Sob este aspecto, Blanchot define o espaço literário: a partir da negação, como um espaço do falso.

Ressalta-se ainda, conforme elucidada Pinto (2013), o escritor moderno está morto, sua cultura é o desastre, por isso ele escreve, “mas porque escreve, sobrevive a morte, devendo morrer-la infinitamente”. Assim é a escrita literária para Blanchot, a literatura como sobrevivência que não morre, que apesar de tudo, não morre. A obra não se fecha, está sempre em aberto. Nesse sentido, a intenção de Blanchot é de propor a abertura em direção ao fora;

abertura que sim, se dará na obra, na sua busca, na procura incessante que a palavra empreende, no questionamento inacabado que é o germe de toda questão.

Porém na obra enquanto desobra, ou seja, como obra de ruína, transgressora, fora de toda lei, e que, por isso mesmo, não se move em direção ao Livro, mas no caminho de sua destruição, que é deixar a linguagem ir mais além, errante, como palavra outra àquele que escreve e igualmente àquele que a lê. A partir da noção filosófica de negatividade e morte, Blanchot traz uma concepção ampliada destes dois elementos, que revela o movimento do fenômeno literário a partir do encontro metafórico com a morte. Nessa direção, o *Dasein* como estar-no-mundo tem sua liberdade alcançada – no espectro literário – na medida em que a experiência da linguagem se mantém sob o alicerce da dialética da negatividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe uma multiplicidade de reflexões quando se decide dialogar sobre filosofia e literatura. O próprio Heidegger em seus anos posteriores a *Ser e Tempo* dedicou-se a arte e a técnica, o que abre um leque de assuntos a serem discutidos. A vasta obra de Blanchot também possibilita vários vieses para se pensar o estatuto do espaço literário, do autor, do leitor, etc. Todavia, decidiu-se neste artigo fazer uma breve descrição, de modo bastante genérico, sobre o elemento da negatividade presente em *Ser e Tempo* e como este elemento aparece no campo literário em Maurice Blanchot.

Indubitavelmente, que a concepção e a finalidade dos autores são distintas. Heidegger teve como trabalho retomar toda uma crítica da história da filosofia para recolocar a questão do ser, com isso, ele constituiu uma analítica da existência, chamada por ele de ontologia fundamental. Nesta ontologia, Heidegger coloca o *Dasein* como único ente capaz de questionar sobre o sentido do ser. Um dos elementos centrais do *Dasein* é a sua temporalidade, que dentre outras coisas, revela sua finitude, ou seja, a morte, que atesta o seu fim. Diante desse aspecto, o *Dasein* angustia-se. Aqui, Blanchot aproxima-se desta falta original, desta angústia originária, em que o *Dasein* – no seu ser-para-a-morte – é essencialmente, angústia.

Ressalta-se ainda que o *Dasein* tem um caráter de inacabado em sua existência, ele está sempre em contato com o seu poder-ser que tem caráter do ainda-não, desse modo, o *Dasein* aparece como uma pendência, uma incompletude. O ainda-não caracteriza o próprio fruto em seu modo específico de ser como um constitutivo, visto que o *Dasein* enquanto ele é já é seu ainda-não. O sentido de algo que ainda não é próprio fruto da imaturidade, mas que

caminha para o amadurecimento.

Com isso, Blanchot não somente aproxima-se do pensamento heideggeriano, mas, sobretudo, recorre à linguagem hegeliana. Blanchot nos mostra que o espaço literário está em um âmbito ontológico, deslocando-o sob o aspecto da morte e da negatividade, o que denota que a linguagem tem o lugar de um não, de um ainda-não. A conexão entre a morte, a linguagem e a experiência literária está neste poder que a linguagem tem de aniquilar o ser daquilo que nomeia, em sua potência de negatividade. A obra, assim, é ressignificação: morte que não cessa. Que linguagem é essa que representa a narrativa? Numa ambiguidade-linguagem que carrega a vida-, mas mantém a morte em forma de potência. Desse modo, Blanchot defende a natureza ambígua e misteriosa da palavra e mostra que a escrita se coloca no lugar de um ainda não, assim a literatura é o próprio ser que, em vez de habitar o homem, está do lado de fora.

A literatura, portanto, encerra-se fora de si, a fala no texto literário é essencialmente errante, está sempre fora de si mesma; o que significa abertura, procura incessante que a palavra empreende em um questionamento inacabado. Aqui, também se encontra novamente uma possível aproximação ontológica heideggeriana em Blanchot. Na medida em que o *Dasein* é abertura do ser-no-mundo, ele é dotado de experiências advindas das relações espaciais no interior desta abertura. Nesse sentido, o *Dasein* é constituído por um movimento expositivo, por uma saída de si, uma dinâmica *ek-stática*, ou seja, o ser está sempre aberto. Por conta de sua compreensão ontológica da criação, Blanchot mostra o próprio evento da escrita é esta abertura, a qual nunca se cessa e está em constante ressignificação.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **A Linguagem e a Morte**: um seminário sobre o lugar da negatividade. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

BLANCHOT, Maurice. **O Espaço Literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BLANCHOT, Maurice. **A Parte do Fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DASTUR, F; CABESTAN, F. **Daseinsanálise**: Fenomenologia e psicanálise. Rio de Janeiro: Via Verita, 2015.

HAAR, Michel. **Heidegger e a essência do homem**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

HEIDEGGER, Martin. **Que é metafísica?** Livraria duas Cidades: São Paulo, 1969.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Parte I. 8ª Ed. Editora Vozes: Petrópolis, 1999.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Parte II. 13ª Edição. Editora Vozes: Petrópolis, 2005.

PINTO, Aline Magalhães. **Escrever, morrer:** estudos sobre a imagem da morte nos ensaios de Maurice Blanchot. 247f. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2013.

Recebido em 31/08/2018
Aprovado em 05/11/2018